

Maria João Ferreira<sup>1</sup>

Historiadora da Arte, Investigadora do CHAM - Centro de Humanidades,  
FCSH, Universidade NOVA de Lisboa e Universidade dos Açores

---

POR ENTRE  
AS 'CAMAS DE ROUPA'  
(SÉCULOS XVII-XVIII)

## Nota Prévía

O "Leito Cadaval", como é conhecido, sobressai como exemplo excepcional de móvel de repouso, tanto pelas dimensões e pela qualidade dos materiais empregues, como pela raridade que constitui a sua sobrevivência no contexto patrimonial português - reforçada pelo facto de representar uma das tipologias menos comuns dos leitos portugueses datáveis de entre meados do século XVII e princípios de Setecentos.<sup>2</sup>

Durante este período, os leitos eram os objectos de mobiliário que mais componentes agregavam, envolvendo uma impressionante multiplicidade de elementos, muito em particular, ao nível dos adereços têxteis os quais, literalmente, se apropriavam da estrutura de madeira e melhor representavam o conjunto por todos ainda hoje conhecido como "cama". De facto, o próprio termo "cama" traduz a complementaridade e indissociabilidade do móvel de madeira, que constitui o leito, da parafernália de roupas, colchoaria e paramentos que o reveste e adorna.<sup>3</sup>

No âmbito de um estudo abrangente e interdisciplinar como aquele em curso cabe-nos aqui a análise daquela que seria justamente a dimensão têxtil deste leito. Mas, ao contrário do leito que ainda subsiste e apresenta afinidades com outros exemplares sobreviventes, com os quais é possível estabelecer comparações, o mesmo não acontece com a respectiva componente têxtil, há muito desaparecida, tal como a maior parte das suas congéneres contemporâneas em Portugal. Tal circunstância dificulta sobremaneira qualquer ensaio mais rigoroso de reconstituição destes complicados conjuntos, no que respeita ao

número, dimensões e modo como os panejamentos se conjugavam como, aliás, outros investigadores já notaram<sup>4</sup>. Pelo que a nossa abordagem não incidirá especificamente neste caso concreto mas, antes, nas "cama[s] de roupa"<sup>5</sup> que caracterizaram o arco cronológico associado à produção e consumo desta tipologia de leito por membros de elite da sociedade portuguesa, tema ainda alvo de escassa atenção. Nesse sentido, recorrer-se-á sobretudo às fontes documentais coevas, conquanto que também elas se afigurem difíceis de trabalhar, perante a complexidade de informação que comportam (tantas vezes abundante e simultaneamente de natureza omissa ou contraditória) e o modo como esta se apresenta organizada - mas, todavia, fundamentais quando se intenta compreender o protagonismo e a função dos têxteis nos interiores domésticos durante a Idade Moderna.

## Introdução

Os têxteis configuram-se como os mais impressionantes haveres de aparato no contexto doméstico privado durante o período moderno<sup>6</sup>, e os grandes protagonistas dos palácios barrocos<sup>7</sup>, cobrindo praticamente todas as superfícies. Esta parece ser uma constatação transversal, válida para as múltiplas realidades europeias, entre as quais se inclui a portuguesa, assim como extensível às residências mais modestas, cujo investimento neste domínio atesta fisicamente tanto a importância prática e simbólica da cama como a melhoria da condição de vida das classes menos favorecidas.<sup>8</sup>

Os têxteis definiam a natureza e estatuto dos interiores domésticos em função da escala social dos seus proprietários<sup>9</sup>. No seu todo, prefiguravam-se como complexos e sofisticados sistemas de comunicação e de representação (de convenções, normas e rituais sociais e culturais)<sup>10</sup>, quando não estruturais do espaço vivencial<sup>11</sup>, que muito ultrapassam o mero lado funcional e ornamental que lhes é mais visível. O modo como os adereços têxteis eram exibidos equivalia, enquanto acção, a um gesto metafórico<sup>12</sup>, que tanto expressava hierarquias como orientava a atenção para um determinado ambiente e potenciava identidades e protagonismos de tudo e todos os envolvidos – aspecto corroborado pelo próprio

cerimonial da corte portuguesa, apesar de "muito modesto e, até, austero"<sup>13</sup> até à segunda década de Setecentos, e replicado pelas principais casas nobiliárquicas.

No contexto daquele que era "um dos espaços âncora da residência"<sup>14</sup>, diferentes tipologias têxteis enriqueciam os ambientes das câmaras de dormir, como os forros das paredes, as cortinas nos vãos e os reposteiros nas portas (com as respectivas sobrecortinas e sobreportas), os panos de bufete, os estofos e capas das cadeiras e outros móveis de assento, as alcatifas no chão e, naturalmente, a roupa e os paramentos de cama. Uma visão deste universo é-nos facultada por D. Tristão da Cunha (1655-1722), 1º conde de Povolide, a propósito do recheio da sua residência, por ocasião do seu casamento em 1697, nos seguintes termos: "Camara toda alcatifada com duas alcatifas, e armada de panos de Raz, cama de tella rica, e franjões de oiro e assim as sanefas das portas e ginellas, e tamborettes e cortinas de damasco, e dois espelhos, e dois bofetes doirados".<sup>15</sup> Aqui, os ornamentos têxteis não só abundam como são assinalados em primeiro lugar, do mesmo modo que a cama, elemento caracterizador e determinante na decoração e organização do quarto de dormir<sup>16</sup>, é enunciada pela sua dimensão têxtil e não enquanto objecto de mobiliário. O que não surpreende, uma vez presente que cerca de um terço da vida das pessoas era passado na cama, do mesmo modo que aqui tinham lugar alguns dos mais importantes acontecimentos que pontuavam a existência do ser humano, como o nascimento e a morte, a doença e a convalescença ou as práticas nupciais. Nesta qualidade, não por acaso, os cargos mais importantes das estruturas organizativas da casa real e demais casas nobres eram aqueles que lidavam de forma mais próxima com a intimidade dos seus senhores, como era o caso do camareiro-mor.<sup>17</sup>

Obedecendo a um determinado esquema cromático e temático, as componentes que constituem as roupas e os paramentos ou armações da cama funcionam como conjuntos, pelo que tendem a ser coordenados entre si através da adopção do mesmo suporte têxtil. Por sua vez, um tecido idêntico ou de cor e motivos afins ao da cama era utilizado para forrar as cadeiras, cobrir os bufetes e cadeiras e revestir as paredes<sup>18</sup>. Daí o recurso a expressões "do mesmo" ou "irmãs(ãos)", nas descrições dos inventários, bem como a avaliações com base neste sistema de agregação de objectos, assente no emprego de um suporte têxtil comum.<sup>19</sup>

Uma maior consciência dos efeitos e uso coerente de um esquema cromático ou suporte têxtil concorrem para o conceito de regularidade dos ambientes, tão apreciado nos interiores domésticos dos séculos XVII e sobretudo do XVIII, designadamente, em França<sup>20</sup>. Para este aspecto *en suite*, que se traduz num todo harmónico e unitário, os adereços têxteis afiguram-se como elos visuais cruciais, quando utilizados de modo abrangente, coordenado e repetido, primeiro num mesmo compartimento e, mais tarde, ao longo de vários compartimentos em *enfilade*, segundo a lógica do cerimonial barroco, apenas ao alcance dos mais abastados. Neste contexto, vale a pena recordar os novos programas decorativos especialmente concebidos para os reais palácios de Alcântara e da Ribeira, por ocasião do consórcio entre D. Afonso VI (1643-1683) e D. Maria Francisca de Sabóia (1646-1683) em 1666<sup>21</sup>, os quais tanto careciam de investimento, após a restauração da independência da coroa portuguesa em 1640 e perante o cenário de guerra que caracterizara as primeiras décadas da governação dos Bragança.

## **A "cama de roupa" entre a segunda metade do século XVII e inícios do XVIII**

Não é fácil fixar uma matriz, no que aos programas têxteis que enformam as camas respeita. São muitas as variáveis que emergem da leitura de inventários e de outras fontes coevas, em função do *status* e gosto dos proprietários, da hierarquia dos utilizadores, das tipologias dos leitos em causa e até da estação do ano. Serve bem de exemplo os "tres quartos diferentes" que, em 1645, se mandaram preparar no palácio que foi do marquês de Castelo Rodrigo para o embaixador de França, o marquês de Roillac, o secretário da embaixada e o seu vedor: para o primeiro preparou-se uma "Alcoba recolhida cuberta com huns panos de Raz pequenos, com cercaduras, e franjas de retros obra particular. Leito de pao negro, com muitos bronzes dourados; e a cama de borcado de tres altos, hũa, e outra couza feita para esta occazião"<sup>22</sup>. O referido brocado foi também usado no estofado de duas dúzias e meia de cadeiras, nas capas dos bofetes e num docel dispostos em duas das outras casas, revelando bem a preocupação com a unidade do todo, acima assinalada. Para o secretário destinou-se uma "alcoba armada de panos de Raz bem finos, leito de pao negro com muitos bronzes dourados, Cama noua de setim Carmezim, com

flores de couro", cabendo às cadeiras e aos bofetes "terço pello carmezim"<sup>23</sup>, isto é, veludo. O mesmo tecido foi usado nas cadeiras e bofetes dos aposentos do vedor, sendo que este deveria dormir num "leito de pao vestido de setim azul bordado com caroches de ouro"<sup>24</sup>. Como com facilidade se constata, embora os três quartos gozassem da presença de tapeçarias e a tipologia de leito do embaixador e do secretário até fosse idêntica entre si – mas diferente da do vedor (só "de pao") – o mesmo não aconteceu com os paramentos de cama, cuja qualidade dos tecidos empregues era distinta entre si e de cor diferenciada em relação àqueles destinados à cama do vedor.

Tanto as sobrevivências materiais como as representações das "camas de roupa" na pintura portuguesa coeva são raras, ao contrário do que sucedeu na centúria precedente, em especial no âmbito do tema da *Anunciação*, muito dificultando a percepção do aspecto que estes conjuntos efectivamente apresentariam e quais as suas reais diferenças. Ainda assim, é possível verificar que as principais componentes se mantêm surpreendentemente constantes ao longo do tempo, apenas variando os detalhes<sup>25</sup>, ao nível da qualidade das matérias, dos acabamentos e dos custos bem como da quantidade dos adereços, fundamentais na distinção hierárquica e social dos proprietários assim como nos índices de conforto que proporcionam.<sup>26</sup>

Neste contexto, o leito português da segunda metade do século XVII e inícios da centúria seguinte, na sua versão de bilros ou bronzeada (além daquelas lacadas ou com elementos de madrepérola procedentes do império ultramarino português), articulava-se, na sua base, com os colchões, verdadeiros alicerces destes agregados, e um complexo de roupa branca e de outros adereços como lençóis, travesseiros e almofadas, mantas, cobertas e colchas, nem sempre fáceis de distinguir entre si.<sup>27</sup>

Como a menção a colchões grandes, médios e pequenos em inventários relembra<sup>28</sup>, estes podiam apresentar diferentes tamanhos, em conformidade com os dos leitos, assim como alturas. Aliás, Bernardo Ferrão alerta para o facto de serem as colchoarias "tão características nos leitos seiscentistas que permitem definir-lhes as dimensões devidas a alteração posterior, [...] quando a mecanização da tecelagem reduziu as larguras dos lençóis fabricados nos teares manuais."<sup>29</sup>

Uma ideia coeva de um bom enxoval de um membro da aristocracia portuguesa é-nos facultada pelo inventário dos bens de D. Mariana de Lencastre Vasconcelos e Câmara (c. 1615-1698), camareira-mor da rainha D. Maria Francisca e mulher de D. João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, 2º conde de Castelo Melhor, efectuado após a sua morte (1659): registados sob o título "roupa branca" encontram-se dezasseis "colchoens de pano de linho cheios de lam", uns de sete e outros de dez bastas cada hum, isto é, "a parte do colchão, que se levanta mais entre os cordeis"<sup>30</sup>, avaliados, respectivamente, a dois e a três mil reis cada um<sup>31</sup>; vinte e um "lancoes de Olanda em folha de três ramos cada hum" e sessenta e um lençóis de pano de linho, uns "em folha" (por estrear) e outros do "uzo", sendo que uma parte era de apenas um pano e outra de três, além daqueles de linho "fino", com diferente número de varas (7 e 9) e, conseqüentemente, avaliação. Por esta amostra é evidente a diversidade de qualidade e dimensões (em função do tamanho dos colchões) que enforma os lençóis, cabendo os melhores, de olanda, às camas dos senhorios. O número de lençóis de que se podia dispôr era um bom indicador da riqueza da família.<sup>32</sup>

Mantendo a mesma lógica de variedade, a este rol acresce dezoito travesseiros de olanda com rendas, cinquenta e oito meios-travesseiros, de olanda com rendas, de olanda fina e de pano de linho, além de oito recheios de meios-travesseiros com enchimento de lã e 42 almofadinhas afins. Curiosamente, as colchas, talhadas em tecido ou enriquecidas pela aposição de bordado e passamanarias, surgem elencadas tanto sob este título como naquele consagrado à "cama", isto é, os paramentos que complementam estes conjuntos de adereços têxteis, do mesmo modo que quatro "toalha[s] de cobrir cama de tafeta" são arroladas nos "vestidos do Conde defunto e outras cousas e vestidos da Condeça".<sup>33</sup>

Em relação às armações de cama, trata-se sobretudo de panejamentos suspensos ao redor e no próprio leito, através de estruturas mais ou menos visíveis. Estas eram constituídas por sobreceú, cortinas, de número variável – entre duas e seis –, em função do esplendor da cama, e cobertor (apesar de poderem existir peças autónomas) que, por esse motivo, comunga do respectivo programa ornamental, como tão bem enfatizou o pintor anónimo do quadro *Nascimento de Santa Joana Princesa* [fig. 1]. Quanto às cortinas, o elemento mais importante da cama<sup>34</sup>,



[fig. 1]

**Nascimento de Santa Joana Princesa**

Portugal, século XVII-XVIII

Museu de Aveiro

Inv. 392/A

© DGPC | Foto: Carlos Monteiro, 1994

distinguem-se aquelas de cabeceira das que circunscreviam o leito. As primeiras destinavam-se à cabeceira do leito e, qual espaldares, não eram móveis. Eram amiúde em tecidos mais requintados ou com ornamentação mais proeminente e, por vezes, com as pedras de armas daqueles que no leito repousavam ou recebiam<sup>35</sup>. Em patrimónios régios e de algumas das mais importantes casas nobiliárquicas encontram-se conjuntos que integravam estas cortinas. É o caso da cama do rei D. Afonso VI, que dispunha de "huma cortina de cabeceira de cama franjada", bem como dos 1º marqueses de Fronteira, em cujo inventário de 1673 pela morte de D. Madalena de Castro (c. 1635-1673) se reconhece "huma cama de veludo cramezim sobre seo e seus cortinas rodapé e todas têm dois veludo



[fig. 2]

### Nascimento de São Domingos

António André, século XVII (primeira metade)

Museu de Aveiro

Inv. 83/A

© DGPC | Foto: José Pessoa, 2003

excepto a cortina da cabeceira e hum doselinho do mesmo tudo novo gornecido de franjois e franjas de oiro por ambas as partes". Por seu lado, as restantes cortinas eram fixadas através de argolas ou ganchos, a varões presos à cornija e remates do leito ou suspensos do tecto ou da parede, as quais podiam ser puxadas para cima e contidas em bolsas ou correr para os extremos e aí ser presas às respectivas colunas, tal como se observa numa pintura do nascimento de S. Domingos, de cerca de 1620 [fig. 2], a par da roupa branca, representada pelos alvos lençóis e, por norma, por um elevado número de travesseiros.

Durante o século XVII, eram as cortinas que continuavam a garantir uma maior privacidade e conforto aos ocupantes, criando uma área mais circunscrita, resguardada do olhar alheio e da intempérie, apesar da tendência para autonomização das zonas de repouso em câmaras próprias e até em função do género<sup>36</sup>, levando D. Francisco Manuel de Melo a criticar tais opções no seu *Guia de Casados* dado à estampa em 1651: "Tem-se hoje por grandeza lavrar quartos e aposentos à parte, conservarem-se por toda a vida assim entre casados. [...] Vivam todos em todas as casas, maridos e mulheres; que o contrário certo, é abuso cheio de perigos."<sup>37</sup>

Retomando o rol de bens do conde de Castelo Melhor verificamos que este tinha ao seu dispor "hum paramento de cama de escarlata com rodapé e tem dous cobertores hum maior que outro rendado de prata e ouro de duas rendas juntas de dous dedos e o sobreceú tem renda maior"; "hum paramento de cama de volante emcarnado e branco e cortina de cobrir"; "huma cama pequena de quatro cortinas de damasco verde com franja e alamares de retros da mesma cor"; e, ainda, uma cama de berço, provavelmente para um dos seus filhos menores, com programa afim, "de damasco cramezim com alamares e franção de ouro".<sup>38</sup>

Pelo modo como os bens foram registados afigura-se difícil compreender a quantidade e as tipologias de roupa e de paramentos da cama que um leito podia comportar. Mas graças ao arrolamento dos "móveis que estavao no quarto dos menores", é possível estabelecer uma aproximação à respectiva estratigrafia, contanto que incompleta: o "leito de pao-santo de huma so pessoa com algum bronze" coordenava-se com quatro colchões, dois cobertores de papa e uma colcha, além de "hum paramento da mesma cama de damasco cramezim com sobreço e quedas do mesmo cobertor e rodapé guarneçido tudo de franja e alamares de ouro"<sup>39</sup>. Um conjunto de travesseiros e almofadinhas associar-se-ia ao conjunto.

Bastas vezes, o agregado era ainda enriquecido pela presença de dosséis assentes sobre as quatro colunas integradas no prolongamento das pernas do leito e cujo céu podia apresentar-se plano, em forma de cúpula (pavilhão) ou pirâmide, à semelhança daquele que rematava a denominada cama Burnay<sup>40</sup> [fig. 3], bem como de sanefas (goteiras ou lambrequins) e rodapés (ou alparavazes). As primeiras destinavam-se a sobrepujar a estrutura superior de remate do leito, assim como a disfarçar as zonas



[fig. 3]

**Leito de dossel**

Portugal, século XVII (segunda metade)

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa

Inv. 1376 Mov

© DGPC/ADF | Foto: José Pessoa

de sobreposição entre as cortinas e os sobreceús ou dosséis, quando presentes, e os segundos, como a própria designação sugere, a adornar a zona inferior da cama, ao nível dos colchões mas, também, a disfarçar os pés do leito e a proteger essa parte da fricção e da sujidade<sup>41</sup>. Por fim, plumas, florões, maçanetas e outros adornos podiam encimar estes complexos.

Apesar de até ao momento não termos localizado qualquer indicação nesse sentido, era comum (noutros países) resguardar os complexos mais sofisticados e dispendiosos – porventura armados mas não utilizados quotidianamente, como sucedia com as denominadas camas de estado –, com cortinas suplementares colocadas ao seu redor. Em todo o caso, por uma adenda ao rol dos adereços que elencam a cama de D. Afonso VI no real paço da Ribeira, em 1667, logo após o seu casamento com D. Maria Francisca, sabemos que a mesma incluía um "cobertor com borlas e seus **guarda pos** de tafeta com franginha de ouro"<sup>42</sup> (negrito nosso).

Em 1680, D. José de Menezes (1642-1696), bispo do Algarve possuía "hum paramento do dito leito de damasco verde guarnecido de franjas de retros verde, e ouro que consta de cobertor, rodapee seis cortinas sobre ceo, e hum doselzinho irmão"<sup>43</sup>. À data da sua morte, em 1704, D. Luís de Lencastre (1644-1704), 4º Conde de Vila Nova de Portimão, dispunha entre os seus haveres de "Hum paramento de Cama de damasco carmesim sobre ceo e trez cortinas com cobretor do mesmo forrado tudo de tafetâ da mesma cor com franjas de ouro em bom uzo" e de "outro paramento de Cama de Velludo carmesim sobre ceo e três cortinas rodapé e docel de cabeceira com franjas de ouro", ambos avaliados em 300 e 400\$000 reis, em contraste com os 50\$000 atribuídos ao seu leito "de evano retrocido".<sup>44</sup>

Este é somente um dos muitos exemplos que atesta o expressivo montante de custo, avaliação ou venda que os paramentos de cama alcançam proporcionalmente à estrutura de madeira, seja ela fixa ou desmontável<sup>45</sup>. Atente-se no valor por que foi arrematado o leito de D. Francisco de Távora (1703-1759), 3º conde do Alvor e 3º marquês de Távora, em 1759 – considerado um dos exemplares tipologicamente mais próximos do denominado Leito Cadaval –, em comparação com a armação da respectiva cama, dita imperial por dispor de docel em forma de pavilhão: a estrutura do leito "de pao de Evano torneado com sua grade de treze balaústres [...]

com guarnição em parte de latão dourado com duas laminas de prata lavradas pertencentes à cabeceira do mesmo leito" foi arrematada sem o seu guarnecimento de prata por 226\$000; a armação "de veludo carmezim com guarniçóis e franjas de ouro com algumas bordaduras do mesmo ouro, que se compoem de quatro cortinas forradas de tafetá com sete sanefas com a mesma guarnição e bordadura e seu ducel e espaldar e seu cobertor Irmão com vinte e quatro pessos da mesma fazenda com a mesma guarnição meudas de varios tamanhos e quatro panos de tafetá carmezim forrados de Ruão com seu galão de ouro" foi avaliada em 680\$000.<sup>46</sup>

Além do montante atribuído à armação ser três vezes superior ao da estrutura, importa notar o empenho na discriminação de todas as suas componentes, ao invés do seu mero agrupamento, o que pode ser entendido como uma forma quer de sublinhar a amplitude e abrangência do legado quer de sugerir o orgulho nessa mesma dádiva testamentária<sup>47</sup>: "Cama quarto cortinas com quarto panos forrados todos de nobreza da mesma cor cada pano com sinco covados; e hua pessa frajados e agualvados = sobre ceo da imperial franjado e bordado todo muito rico = espaldar da mesma forma com quarto panos do tamanho das cortinas = guarda colçoens; e rodapé tãobem franjado e galões = seis sanefas grandes ricamente bordadas e franjadas = quatorze pessos das goarniçoens da mesma cama franjadas e agualvadas; mayors e minors = duas goarniçoens com galoens e franjas e duas mais piquenas todas bordadas com galoens e franja = dous travesseiros com galoens pelo meyo = quarto bolças de nobreza forradas de olandilha com galoens de ouro; e o remate do teto da cama bordado e franjado sendo tudo de veludo carmezim e galoens; e franjas e ouro fino [...]"<sup>48</sup>

Como os exemplos que vimos citando testemunham, no período que medeia entre meados do século XVII e início do XVIII, as cores preferidas parecem ser o verde e o vermelho nas suas múltiplas nuances, à semelhança do que acontece fora de Portugal<sup>49</sup>. Estas cromias podiam ser usadas isolada ou articuladamente, sendo que tais conjugações só eram validadas caso se entendesse que cada uma das cores se mantinha tão vívida e brilhante como quando usada individualmente.<sup>50</sup>

Em relação aos materiais empregues na feitura das camas, os tecidos monocromos são a grande opção durante a centúria de Seiscentos<sup>51</sup>. Na sua maioria apresentam

decoreção dominada pelos motivos vegetalistas, sobretudo a partir dos anos de 1650, sendo que uma maior aproximação à natureza, no sentido de reproduzir as flores numa perspectiva mais naturalista em cromias vivas e tons pastel só se reconhece nos têxteis decorativos datáveis de entre o final do século XVII e inícios do seguinte<sup>52</sup>. Ao longo destes dois séculos impressiona a crescente oferta de tecidos disponível no mercado, cada vez mais multifacetada ao nível dos materiais, das tecnologias de fabrico, dos repertórios temáticos que ostentam e da sua proveniência, espelhando bem uma geografia de consumo paulatinamente mais lata.

A este respeito, vale a pena assinalar a variedade, a quantidade e o expressivo custo dos tecidos usados no fabrico de uma cama para o infante D. Pedro (1648-1706), para o palácio Corte-Real em 1668, quando nele habitava<sup>53</sup>. Segundo o respectivo orçamento, trata-se de uma cama que leva "14 larguras que têm de alto tres couodos e meio em que monta couodos"; "o sobreseo 3 larguras de tres covodos e hua sesma monta covodos noue e meio"; "o cobretor sinco larguras de quarto couodos e hua quarta cada largura monta couodos vinta hu e huma quarta"; "as gornisois das cortinas vinta hũ covodo e meio"; "gornisão do sobreseo", "o rodape per 3 partes"; "os alparauales [sic]"; "o acrescentamento do dosel verde nas gornisois delle e os alparauales de fora" e "3. folhas de almofadas"<sup>54</sup>. Para a sua execução refere a respectiva nota de despesa que se adquiriram:

"# oitenta couados de **tella verde repassada de ouro cõ matizes brancos** de que se formou o corpo da Camara a 2500 o couado [?] duzentos mil reis \_\_\_\_\_200U000  
 # nouenta e dous couados de **tella branca repassada de ouro** para as guarnições roda, pes, acrescentamentos de guarnições de hum duçel verde e 3. folhas de almofadas á 3U000 o couado tresentos e trinta e hu mil e trezentos reis \_\_\_\_\_331U200  
 # dous couados de **tella verde repassada de ouro** para acrescentamento do ditto docel á 3U300 o couado sette mil reis \_\_\_\_\_7U000  
 #noue couados de **telilha verde** para forro das goteiras do ditto duçel á 1200 o couado des mil e oitocentos reis \_\_\_\_\_10U800  
 \_\_\_\_\_  
 549U000

# sentto vinte e sette couados e meio de **taffeta verde** de Granada para forro da ditta cama a 240 rs o couado trinta e tres mil sento e sincoenta \_\_\_\_\_33U150  
 #oitenta couados de **olandilha de linho** para a ditta cama guarda colchões e doçel á 100 o couado oito mil reis \_\_\_\_\_8U000  
 #desaeis couados e mejo de **chamalote verde** para o guarda colchões á 600 o covado noue mil e noue senttos reis \_\_\_\_\_9U900"<sup>55</sup>

(negrito nosso)

A maior parte dos tecidos podia ser usada nas armações de cama mas, na prática, aqueles mais rígidos e pesados eram dispensados, sobretudo no fabrico das cortinas<sup>56</sup>, mais regularmente manuseadas. Os factores que mais interferiam na escolha dos tecidos eram o grau de exposição destes adereços (em função da capacidade económica dos detentores) e as condições atmosféricas vigentes, responsáveis pela mudança dos conjuntos de cama ao longo do ano. Como Rafaella Sarti observa, "em alguns casos a distinção entre quartos de cama privados e de ostentação sobrepor-se-á à diferença entre camas de Verão e camas de Inverno".<sup>57</sup>

Tecidos robustos e quentes como os brocados e veludos, serafinas, o burel e a raxa em lã, eram adequados ao tempo mais frio e alternavam, no período da canícula, com outros mais leves e frescos, como os cetins e as gazes de seda (volantes e lós), os algodões pintados e estampados. De acordo com o rol de bens de D. Rodrigo da Câmara (1594-1672), 3º conde de Vila Franca, inventariados por ocasião do seu encarceramento pelo Tribunal do Santo Ofício (1651), este possuía dois paramentos para o seu leito de pau preto bronzeado: um "de raxa verde e amarela" e outro "pera Verão de damasco carmisim goarnecido de oiro", ambos bem usados.<sup>58</sup>

Embora no século XVII as tapeçarias permanecessem adereços reputados e incontornáveis nos interiores das residências dos mais ilustres da sociedade portuguesa (e estrangeira), em meados da centúria a sua utilização como paramento de cama cai em desuso, em benefício dos conjuntos apenas tecidos, já que além de muito mais dispendiosas eram, sobretudo, pouco práticas porque bem menos maleáveis e, por isso, de uso tendencialmente circunscrito aos elementos fixos ou à cobertura da cama. É, pelo menos, nesse sentido que aponta a ausência de menções nos inventários analisados bem como a mudança de proposta decorativa que enforma a cama armada para o baptismo dos novos membros da dinastia brigantina, recentemente chegada ao poder: em 1643, a cama preparada para o baptismo de D. Afonso VI na capela do paço da Ribeira condizia com a decoração da própria igreja: "toda armada de panos de raz & ouro, em q se continha a historia & vida de Alexandre Magno, & à parte direita estaua hũa cama também de raz, & ouro bordada da historia delRey Daudid cõ suas cortinas ligeiras da parte de dentro de tela carmezi & suas almofadas do mesmo tapiz"<sup>59</sup>. Um quarto de século mais tarde (1669), a cama armada no mesmo local para o baptismo da infanta

D. Isabel Josefa (1669-1690), filha de D. Pedro e de D. Maria Francisca de Sabóia mudara, era agora:

[...] bordada sobre terciopelo verde, con relieve tan alto, que màs pareciã troços de ramos de oro sutilmente sacado [...] Eran las goteras del mismo bordado, en medio las Armas de Portugal bordadas con relieve, mucho más alto, que sobresalia màs de medio palmo, coronadas con las Coronas Imperiales; en lugar de franjones de hilo de oro hilado, eran puntas de oro de aquarta, con que era lo màs precioso, que pudo ingeniar el cuidado [...]. Estavan las Cortinas de la Cama, aforradas en tela carmesi, tambien de oro tirado por la hilera, [...] el Cobertor de la misma tela: las savanas de finissimo cambray con randas de a sesma; y las almohadas excedian en lo fino, del cambray; tanto que el razo de las fundas un vistoso tarnassolado hazia, con que el aliño luzia más.<sup>60</sup>

Este é o modelo que perdura doravante, como bem testemunha a celebração de baptismo do seu meio-irmão, o príncipe D. João e futuro rei D. João V (1689-1750), fruto do casamento entre o já rei D. Pedro II e a sua segunda mulher, D. Maria Sofia de Neuburgo (1666-1699), ainda que noutra cor: "hũa rica cama de tela repassada de oiro, e azul com sabastos em roda e sanefas de outra tela mais levantada, com penhascos de oiro, e grandes franjões de oiro forrada toda de hũa primavera de cores e muito oiro [...] e dentro da cama estavam tres almofadas irmans da mesma cama que fazia forma de cortina serrada".<sup>61</sup>

De resto, além da manufactura interna – de que se destaca a produção de linhos em Guimarães e nas Caldas da Rainha e de tecidos em seda na região de Bragança – e daquela procedente dos tradicionais centros europeus de abastecimento têxtil, durante este período os portugueses beneficiam dos produtos têxteis ultramarinos que as amplas redes comerciais que sustentam o império português fornecem. A entrada crescente de têxteis no país, representantes das afamadas produções asiáticas concorre para importantes mudanças ao nível da oferta material e artística que caracteriza o quotidiano e os interiores domésticos dos membros económica e socialmente mais poderosos do reino (mas também dos estratos sociais em ascensão<sup>62</sup>). De particularidades distintas das dos seus congéneres europeus, tais bens eram, ainda, importantes testemunhos materiais do empreendimento ultramarino, pelo que assumiam especial relevância nos sistemas de representação da principal fidalguia do reino<sup>63</sup>. A presença destes têxteis era não só muito apreciada, como responsável por "um certo cunho exótico

[emprestado] ao interior das habitações seiscentistas, onde a profusão garrida e luxuosa dos tecidos contrastava naturalmente com o estilo pesado e a imponência do mobiliário".<sup>64</sup>

Embora não subsistam em Portugal paramentos completos de cama (que saibamos) são, todavia, conhecidos exemplares de colchas, almofadas e sanefas em número suficiente para alguns autores concluírem que o gosto por estes objectos teria sido considerável<sup>65</sup>. De facto, um cotejo da documentação coeva permite identificar alguns conjuntos assim como objectos individuais, sobretudo colchas bordadas indianas e chinesas, entre os pertences daqueles que vimos analisando e de mais representantes da aristocracia portuguesa e da casa real. Apenas a título de exemplo, e estritamente com base nos objectos cuja proveniência é identificada (conquanto que nem toda necessariamente correcta no que aos têxteis ditos indianos concerne), refira-se as três colchas brancas da Índia de que o 2º conde de Castelo Melhor, era detentor: uma delas "já velha" integrada no paramento de cama do "quarto dos menores", outra meã (de tamanho médio) "pespontada de retros leonado com franja amarela", e, outra ainda, "pequena pespontada de retros encarnado com alguma montaria uzada"<sup>66</sup>; e o "paramento de hum berço de tafeta dobre cramezim da India com passamane de prata con cobertor da India de setim encarnado de matizes sobre seo e cobertor gornecido de passamane de prata novo tudo forrado a cobertor de tafeta encarnado"<sup>67</sup>, entre os bens arrolados por morte da 1ª marquesa de Fronteira (em 1673).

Em 1692, D. Aires Teles de Menezes, filho ilegítimo do 1º conde de Vila Pouca de Aguiar possuía, na sua quinta de Vale Formoso no termo da cidade de Lisboa, "hum godrim da China de seda forrado de crua [?] amarela com sua franja e borlas e de varias cores com alguns buracos", "huma colchinha pequenina de berço de seda da China lavrada de varias cores e ouro", "hum cobertor de damasco da India de varias cores com alguns buracos e uzado", "Huma colcha branca da India fina pespontada de retros branco com franja de retros amarelo e suas borlas nova"<sup>68</sup>. Por seu lado, entre as dez colchas arroladas no inventário do 4º conde de Vila Nova de Portimão (1704), pelo menos, duas eram da China e uma da Índia<sup>69</sup>. E quando D. Beatriz Mascarenhas Castelo-Branco da Costa – 3ª condessa de Palma

e 4ª condessa do Sabugal casada com D. Fernando Mascarenhas, 2º conde de Óbidos – faleceu, em 1709, deixou na sua residência dois pavilhões da China, um "de ló azul com seu capelo [...] bordado de ouro de palhinha com seu cobertor azul de damasco com as cenefas bordadas, forrado de tafetá amarelo, tudo com sua franja de ouro, e ceda", e outro "de tafeta branco, bordado de ouro, e ceda de palhinha, com seu capelo bordado e cobertor de damasco branco grande, com cenefas bordadas de ouro, e três travesseiros, e quatro almofadinhas, tudo bordado da mesma ordem".<sup>70</sup>

Estes adereços de procedência asiática eram, de facto, muito estimados por todos e marcavam inclusive presença nas camas reais, como as de D. Afonso VI e da sua mulher, na "Casa de Sima do estrado de dormir" e na "Camara de dormir" do real paço da Ribeira, ambas adornadas com colchas da Índia "de montaria fina", sendo a do rei forrada com tafetá carmesim.<sup>71</sup>

Pese embora uma origem distante, pela amostra enunciada reconhece-se, não só a mesma tipologia de peças, como uma idêntica preocupação pela unidade, quando se trata de agregados coordenados, e, não menos relevante, o pior estado de conservação de alguns dos objectos, reflexo tanto de uma possível utilização continuada como de uma já longa existência nos respectivos acervos patrimoniais. A maior parte das descrições citadas não explicita, todavia, a iconografia que anima os respectivos repertórios ornamentais. Mas o confronto entre fontes documentais e testemunhos materiais permite compreender algumas das tendências destas produções, como era o caso das colchas indianas de Bengala. Ainda hoje apreciadas e reconhecidas pela sua monocromia e qualidade de execução, tais objectos eram bordados a fio de seda a ponto de cadeia sobre suportes de algodão representando cenas mitológicas e bíblicas, emblemas heráldicos, actividades venatórias como a caça de montaria, isto é, a caça a cavalo de animais silvestres, como javalis, corsas e veados<sup>72</sup>, entre outros. Já as peças da China eram sobretudo animadas por temática de teor vegetalista e floral bordada a fios de seda policromos e dourados.<sup>73</sup>

## Algumas considerações finais

Apesar de esboçado o panorama que caracterizava os adereços têxteis que adornavam os leitos portugueses entre meados do século XVII e inícios do XVIII, é impossível estabelecer mais do que uma aproximação àquele que seria o programa têxtil do denominado "Leito Cadaval"<sup>74</sup> [fig. 4]. Deve-se esta realidade à circunstância de, como se procurou expor, serem muitas as eventuais variantes ao nível dos materiais, das cromias e da qualidade de fabrico dos suportes eleitos, mas também das tipologias implicadas e da respectiva quantidade. Ainda assim, com base nas descrições que se possuem de dois dos exemplares tipologicamente mais próximos deste leito – a já citada cama do 4º marquês de Távora e a cama do tesouro da Basílica de Santa Maria de Elche (Espanha), outrora propriedade do 7º duque de Aveiro (e marquês de Elche) – também elas muito díspares entre si, infere-se que, à sua semelhança, além dos colchões e da demais roupa branca de linho este se coordenava, pelo menos, com um paramento, porventura de veludo carmesim, composto por um cobertor do mesmo tecido, uma cortina de cabeceira e um sobrecéu a sobrepujar a cama. Estes seriam os elementos indispensáveis aos quais podiam associar-se, ainda, cortinas, um dossel mais ou menos imponente, as goteiras e os rodapés. Na actualidade afigura-se difícil imaginar um leito desta envergadura e características todo revestido por panejamentos. Mas no período em questão esta era a realidade...



[fig. 4]

**Vista do leito no  
Palácio Nacional de Sintra**

Portugal, século XVII (2ª metade)

Palácio Nacional de Sintra

Inv. PNS6207

© PSML | Foto: Luís Duarte, 2020

..... § .....

## NOTAS

- 1 A autora segue a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.
- 2 Távora, 1972: 15.
- 3 Távora, 1972: 21; Madureira, 1992: 211.
- 4 Távora, 1972: 23; Claburn, 1988: 99; Ágreda Pino, 2017: 21.
- 5 Expressão ainda utilizada num inventário, de 1750, "dos bens frutas e gados" da quinta de Benavente de que os duques de Cadaval eram proprietários. Veja-se Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), *Feitos Findos*, Inventários, Letra D, maço 73, nº 10, fl. 5.
- 6 Richardson e Hamling, 2016: 6; Beard, 1997: 26; Thornton, 1978: 97.
- 7 Feigenbaum, 2014: 12.
- 8 Richardson e Hamling, 2017; SARTI, 2001: 205.
- 9 Richardson e Hamling, 2016: 5.
- 10 Feigenbaum, 2014; Volpi, 2014: 17-29.
- 11 Carita e Cardoso, 1983: 80.
- 12 Feigenbaum, 2014: 15.
- 13 Cardim, 2011: 166. Veja-se texto de Bastos, 2007: 151-160.
- 14 Franco, 2015: 220.
- 15 ANTT, *Arquivo da Casa dos Condes de Povolide*, suplemento 1, *Memórias do 1º conde de Povolide*, vol. I, nº 13, fls. 112-112v. cit. por Bastos, 2007: 159.
- 16 Franco, 2015: 222.
- 17 Cardim: 2011: 168. Apesar de anterior ao período em foco vale a pena assinalar as funções que cabiam ao camareiro-mor do 5º duque de Bragança (c. 1510-1563): "quando chegava de sua casa, se o Duque não avia ainda chamado, esperava na Guardaroupa, que era sempre na Antecâmara, ate que chamava, e nesta primeira entrada, entravaõ com elle o moço da Guardaroupa, e o das chaves abria a janela, e se a cama estava descomposta, ou a colcha caída, lha concertavaõ [...]"; "Regimento dos officiaes da Casa do Duque D. Theodosio I. Tírey-o do archivo da Casa de Bragança, onde se conserva", publicado por Sousa, tomo IV, parte I, 1950: 235.
- 18 Embora muito onerosas, estas "armações da casa", com tecidos robustos, como o damasco, mas também tapeçarias e couros, foi a opção decorativa mais comum nas residências portuguesas aristocráticas até às últimas décadas do século XVIII e prefigurava-se como verdadeiro signo de prestígio e distinção social. Mesquita, 1992: I, 75; Ferreira, 2014: 542-544.
- 19 Veja-se Ferreira, 2014: 545.
- 20 Sobre este assunto, veja-se o terceiro capítulo de Bohanan, 2012: 56-73 (*Regularité: Color Schemes and Matched Sets*); Ferreira, 2018: 202; Beard, 1997: XV.
- 21 Veja-se Bastos, 2018: 89-109.
- 22 "Relação da Chegada do Marquez de Roylac Embaxador de ElRey Christianissimo, 25 de Abril de 1645" publicado por Coelho, 1940: 230.
- 23 Coelho, 1940: 231.
- 24 Coelho, 1940: 231.
- 25 Edwards, 2007: 15; Sarti, 2001: 206.
- 26 De Vries, 2008: 57 e 148; Roche, 1998: 207.
- 27 Aspecto notado em Ferreira, 2018: 199-200.
- 28 É o caso do Inventário de Francisco Pereira de Linde (de 1696), homem de negócios de origem flamenga morador na Rua de Valverde, no qual se localizam referências a quatro colchões de cama grande, dois colchões meãos, portanto, médios, e cinco colchões pequenos. Veja-se ANTT, *Orfanológicos*, Letra F, maço 120 (A), nº 5, fl. 20v.
- 29 Távora, 1972: 14.
- 30 Bluteau, 1712: II, 61.

- 31 ANTT, *Orfanológicos*, Letra J, maço 347, nº 9, fl. 19v. Embora esta seja a opção mais comumente encontrada entre os róis de bens compulsados chama-se a atenção para o facto de nem todos os colchões serem exclusivamente em pano de linho: por exemplo, os três colchões em cada uma das camas de D. Afonso VI e de D. Maria Francisca no paço da Ribeira eram de damasco carmesim, o mesmo tecido em que foram talhados os respectivos travesseiros e almofadinhas assim como o pavilhão, cobertor e cortinas. Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), códice 4173, *Do Governo de Portugal. Das Casas dos Reys e das Rainhas, Memoria do que esta nas Casas da rainha neste paço ...*, fls. 67 e 68v. A menção à cama de damasco carmezim que animava o "leyto chapado de prata" que se armou no actual quarto de D. Sebastião por ocasião da morte de D. Afonso VI no paço de Sintra, em 1683, leva-nos a equacionar a hipótese de estarmos perante o mesmo conjunto; cf. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (Lisboa), *Colecção de São Vicente*, liv. 22, *Rellação do q[ue] se fez em Cintra na morte de S[ua] Mag[estad]e que D[eu]s tem*, fl. 40v. Agradeço a Bruno Martinho a partilha deste documento.
- 32 Sarti, 2001: 206.
- 33 ANTT, *Orfanológicos*, Letra J, maço 347, nº 9, fl. 51v.-52v.
- 34 Claburn, 1988: 104.
- 35 BNP, códice 4173, *Do Governo de Portugal. Das Casas dos Reys e das Rainhas, Memoria do que esta nas Casas da rainha neste paço ...*, fl. 68v. e Arquivo da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna (AFCFA), doc. 3, *Inventário de Partilhas que se fizerão por morte e falecimento da senhora Donna Madaglena de Castro Marqueza de Fronteira e se fizerão e contenuou com o senhor Dom João Mascarenhas Marquês de Fronteira viuvo que da dita senhora ficou, lisboa 2 de Novembro de 1673*, publicado por Mesquita, 1992: II, 26.
- 36 Sobre a questão da fronteira entre o espaço privado e público, assim como das obrigações pessoais e comunitárias em contexto aristocrático e da corte veja-se os contributos de Cunha e Monteiro, 2011: 202-243 e de Cardim, 2011: 160-201.
- 37 Melo, 1992 [1651]: 32.
- 38 ANTT, *Orfanológicos*, Letra J, maço 347, nº 9, fl. 32v.-34v.
- 39 ANTT, *Orfanológicos*, Letra J, maço 347, nº 9, fls. 55v.-56.
- 40 Bastos, 2003: 204-207.
- 41 Alparavaz "he a aba da Esteira, que cobre a extremidade do estrado, ou pano que dos colchoens para baixo cobre o vão do leito"; Bluteau, vol. I, 1712: 278-279; Ágreda Pinto, 2017: p. 34.
- 42 BNP, códice 4173, *Do Governo de Portugal. Das Casas dos Reys e das Rainhas, Memoria do que esta nas Casas da rainha neste paço ...*, fl. 68v à margem esquerda.
- 43 BIBLIOTECA DA AJUDA (BA), Ms. 54-XIII-17, nº 52, *Inventario dos Bens patrimoniais do Illustrissimo Senhor D. Joseph de Menezes Bispo do Algarve*, Lisboa, 17 de Setembro de 1680, fl.10v.
- 44 Sousa, 1956: 41; 44.
- 45 Bastos, 2012: 79-80; Ferreira, 2014: 549; Ferreira, 2018: 204.
- 46 Guerra, 1954: 16; 68.
- 47 Richardson e Hamling, 2017: 243.
- 48 Guerra, 1954: 68 também publicado por Távora, 1972: 25-27.
- 49 Bohanan, 2012: 59.
- 50 Bohanan, 2012: 60.
- 51 Kraatz, 2005: 128.
- 52 Kraatz, 2005: 130-132.
- 53 O referido paramento destinar-se-ia a um leito já existente, como se infere pelo montante pago ao marceneiro Manuel Carvalho pela sua limpeza e conserto, no valor de 13\$000 reis. Coube a execução da obra têxtil ao vestimenteiro Manuel Alvares e ao sirgheiro Manuel Lopes Delgado, a quem se pagou "dos feitos da obra de seu officio" 49\$827 e 15\$900 reis, respectivamente. Veja-se BA, códice 51-VI-15, *Despesa que Antonio Cavide [...] casas do Principe nosso Senhor de Corte Real por seu mandado, Abril de 668*; fl. 240v.
- 54 BA, códice 51-VI-15, *Orsamento da Cama que se ha de fazer para o Senhor Emfante para ho pallasio da Corte Real, 21 de abril de 668*, fl. 241.
- 55 BA, códice 51-VI-15, *Despesa que Antonio Cavide...*; fl. 240-240v.
- 56 Veja-se Thronton, 1991: 158.

- 57 Sarti, 2001: 220.
- 58 ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, Proc. n° 3529, fl. 66v.
- 59 *Relação do Baptismo*, 1643, não paginado.
- 60 Villegas, 1670: 114-116.
- 61 BA, 51-VI-42, *Relação e forma de como se Bautizou o Serenissimo Principe D. João Nosso Senhor que Deos guarde, filho delRey D. Pedro 2º*, 1689, fl. 44v.
- 62 Ferreira, 2016: 22-39.
- 63 Cunha e Monteiro, 2011: 235.
- 64 Castelo-Branco, 1990: 54.
- 65 Nascimento, 1950: 42.
- 66 ANTT, *Orfanológicos*, Letra J, Maço 347, n° 9, fls. 56, 33 e 23v.
- 67 AFCFA, doc. 3 *Inventário de Partilhas que se fizerão por morte e falecimento da senhora Donna Madaglena de Castro Marqueza de Fronteira e se fizerão e contenuou com o senhor Dom João Mascarenhas Marquês de Fronteira viuvo que da dita senhora ficou, lisboa 2 de Novembro de 1673* publicado por Mesquita, 1992: II, 25.
- 68 ANTT, *Orfanológicos*, Letra A, Maço 306, n° 4, fls. 7v.- 8v.
- 69 Sousa, 1950: 44.
- 70 ANTT, *Arquivos Particulares*, Casa de Santa Iria, caixa 10, doc. 117, fl. 1, cl. 2.
- 71 BNP, códice 4173, *Do Governo* de Portugal. Das Casas dos Reys e das Rainhas, *Memoria do que esta nas Casas da rainha neste paço ...*, fl. 68 v. e 67. Para mais detalhes veja-se BASTOS, 2018: 89-109.
- 72 Bluteau, 1716: V, 565. Sobre este assunto veja-se Karl, 2016; Cristóvão, 2017.
- 73 Ferreira, 2014a.
- 74 Muito provavelmente, e conforme o que sucedeu com as suas camas congéneres, o mesmo tecido empregue na cama serviu de referência à restante ornamentação da câmara de dormir em que cumpria funções. Se no primeiro caso tal aspecto é confirmado pelo registo da armação que forrava as paredes do quarto e mais de trinta cadeiras, no caso de Elche vale-nos a doação, além da cama, de seis tamboretos vestidos com o mesmo veludo carmesim.

## FONTES IMPRESSAS E BIBLIOGRAFIA

- ÁGREDA PINO, Ana Maria (2017): "Vestir el Lecho. Una introducción al ajuar têxtil de la cama en la España de los siglos XV y XVI", in *Res Mobilis. Revista Internacional de investigación en mobiliário y objetos decorativos*, vol. 6, nº 7, p. 20-41.
- BASTOS, Celina (2007): "'Da Utilidade do Tapete'. Objeto e imagem. Séculos XVI e XVII", in HALLETT, Jessica / PEREIRA, Teresa Pacheco (coord.): *O Tapete Oriental em Portugal. Tapete e Pintura Séculos XV-XVIII* [catálogo de exposição], Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, p. 151-160.
- BASTOS, Celina (2003): "Leito de dossel", in MATOS, Maria Antónia Pinto (coord.): *Henri Burnay, de Banqueiro a Coleccionador* [catálogo de exposição], Lisboa, Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves - Instituto Português de Museus, p. 204-207.
- BASTOS, Celina (2012): "O Mobiliário na Pragmática de 1609", in SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e: *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1609)*, Porto, Universidade Católica Editora - Porto, p. 69-91.
- BASTOS, Celina (2018): "*Do ornato das casas do rei e da rainha. O casamento de D. Afonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia*", in FERREIRA, Maria João (coord.): *Os Têxteis e a Casa de Bragança. Entre a Utilidade e o Deleite Séculos XV-XIX*, Lisboa, Scribe, p. 89-109.
- BEARD, Geoffrey (1997): *Upholsterers & Interior Furnishing in England 1530-1840*, New Haven and London, Yale University Press.
- BLUTEAU, Rafael (1712): *Vocabulário Portuguez e Latino*, vol. I e II, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- BLUTEAU, Rafael (1716): *Vocabulário Portuguez e Latino*, vol. V, Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva.
- BOHANAN, Donna J. (2012): *Fashion Beyond Versailles. Consumption and Design in Seventeenth-Century France*, Louisiana State University Press - Baton Rouge.
- CARDIM, Pedro (2011): "A corte régia e o alargamento da esfera privada", in MONTEIRO, Nuno Gonçalo (coord.): *História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, p. 160-201.
- CARITA, Hélder / CARDOSO, Homem (1983): *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*, Porto, Livraria Civilização Editora.
- CASTELO-BRANCO Fernando (1990): *Lisboa Seiscentista*, Lisboa, Livros Horizonte.
- CLABURN, Pamela (1988): *The National Trust Book of Furnishing Textiles*, Londres, Viking - The National Trust
- COELHO, P. M. Laranjo (1940): *Cartas de El-Rei D. João IV ao Conde da Vidigueira (Marquês de Niza) Embaixador em França*, Lisboa, Academia Portuguesa de História.
- CRISTÓVÃO, Inês de Castro (2017): "*A principal riqueza que dali vem*": *Os têxteis bordados indianos em Portugal nos séculos XVI e XVII* [dissertação de mestrado], Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- CUNHA, Mafalda Soares da e MONTEIRO, Nuno Gonçalo (2011): "As grandes casas", in MONTEIRO, Nuno Gonçalo (coord.): *História da Vida Privada em Portugal - A Idade Moderna*, Lisboa, Temas e Debates/Círculo de Leitores, p. 202-243.
- DE VRIES, Jan (2008): *The Industrious Revolution: Consumer Behaviour and the Household Economy, 1650 to the Present*, Cambridge, Cambridge University Press.
- EDWARDS, Clive (2007): *Encyclopedia of Furnishing Textiles, Floorcoverings and Home Furnishing Practices, 1200-1950*, Aldershot, Lund Humphries.
- FEIGENBAUM, Gail (2014): "Introduction: Art and Display in Principle and in Practice", in FEIGENBAUM, Gail e FREDDOLINI, Francesco (ed.): *Display of Art in the Roman Palace 1550-1570*, Los Angeles, The Getty Research Institute, p. 1-24.
- FERREIRA, Maria João (2014): "Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas", in MENDONÇA, Isabel, CARITA, Hélder e MALTA, Marise (coord.): *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro. Anatomia dos Interiores*, Lisboa, Instituto de História da Arte da FCSH-UNL, p. 536-561.
- FERREIRA, Maria João (2014a): "Os 'Panos da Índia' em Portugal: integração e consumo dos artigos têxteis asiáticos na sociedade portuguesa dos séculos XVI a XVIII", in FARRÉ TORRAS, Begoña (coord.): *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França. Sessões Simultâneas (2ª ed. revista e aumentada)*, Lisboa, Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, pp. 72-81. Disponível em <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/docs/Actas%20IV%20CHAP%20final.pdf>

- FERREIRA, Maria João (2016): "Os Limites no Gosto: Os Panos da Índia nas Pragmáticas de 1609 e 1677", in RODRIGUES, Ana Duarte (ed.): *O Gosto Português na Arte*, Lisboa, Scribe, p. 22-39.
- FERREIRA, Maria João (2018): "Conforto e Ostentação: Dormir no Paço de Vila Viçosa ao tempo de D. Teodósio I", in HALLETT, Jessica / SENOS, Nuno (ed.): *DE TODAS AS PARTES DO MUNDO, O património do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I*, vol. II Estudos, Lisboa, Tinta da China, p. 199-207.
- FRANCO, Carlos (2015): *Casas das Elites de Lisboa. Objectos, interiores e vivências 1750-1830*, Lisboa, Scribe.
- GUERRA, Luís Bivar (1954): *Inventários e Sequestros das Casas de Távora e Atouguia em 1759*, Lisboa, Ed. do Arquivo do Tribunal de Contas.
- KARL, Barbara (2016): *Embroidered Histories. Indian Textiles for the Portuguese Market during the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, Wien Köln Weimar, Böhlau Verlag.
- KRAATZ, Anne (2005): "Le Tissu d'Ameublement: sujet orné et objet d'ornement", in COQUERY, Emmanuel (dir.): *Rinceaux et Figures. L'ornement en France au XVII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Musée du Louvre Éditions - Éditions Monelle Hayot, p. 125-139.
- MADUREIRA, Nuno Luís (1992): *Cidade: Espaço e Quotidiano (Lisboa 1740-1830)*, Lisboa, Livros Horizonte.
- MELO, D. Francisco Manuel de [1651] (1992): *Carta de Guia de Casados*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- MESQUITA, Marieta Dá (1992): *História e Arquitectura. Uma proposta de investigação. O Palácio dos Marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura residencial erudita em Portugal* [tese de doutoramento], Lisboa, Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa.
- NASCIMENTO, J.F da Silva (1950): *Leitos e Camilhas Portugueses*, Lisboa, Ed. do Autor.
- Relação do Baptismo do Serenissimo Infante Dom Affonso, filho del Rey nosso Senhor*, Lisboa, Off. de Domigos Lopes Rosa, 1643.
- RICHARDSON, Catherine / HAMLING, Tara (2016): "Ways of seeing early modern decorative textiles", in *Textile History*, vol. 47, nº I, Maio, p. 4-26.
- RICHARDSON, Catherine / HAMLING, Tara (2017): *A Day at Home in Early Modern England. Material Culture and Domestic Life, 1500-1700*, New Haven and London, The Paul Mellon Centre for Studies in British Art - Yale University Press.
- ROCHE, Daniel (1998): *História das Coisas Banais*, Lisboa, Editorial Teorema.
- SARTI, Raffaella (2001): *Casa e Família. Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*, (Col. Temas de Sociologia, 15), Lisboa, Estampa.
- SOUSA, D. António Caetano de (1950), *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo IV, parte I, Coimbra, Atlântida.
- SOUSA, Maria Teresa de Andrade e (1956): *Inventário dos Bens do Conde de Vila Nova D. Luís de Lencastre 1704*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.
- TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e (1972): *A propósito duma «cama imperial» dos Marqueses do Cadaval*, Separata da Revista Gil Vicente, 2ª série, vol. XXIII, nº 11-12.
- THORNTON, Peter (1991): *L'Époque et son Style. La Renaissance italienne 1400-1600*, Paris, Flammarion.
- THORNTON, Peter (1978): *Seventeenth-century Interior Decoration in England, France and Holland*, New Haven and London, Yale University Press.
- VILLEGAS, D. Diego Enriquez de (1670): *Pyramide Natalicio, y Baptismal a la Soberana, Augusta, Excelsa Magestad de la Serenissima Reyna D. Maria Francisca Isabel de Saboya, Princesa de Portugal*, Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello.
- VOLPI, Caterina (2014): "Le Stoffe tra arredo, decoro, arte ed eticheta negli ambiente barocchi", in RODOLFO, Alessandra e VOLPI, Caterina (dir.): *Vestire I palazzi. Stoffe, tessuti e parati negli arredi e nell'arte del Barocco*, vol. I, Roma: Edizioni Musei Vaticani, p. 17-29.